

ARQUITETURA NASCENTE & PERMANENTE E OUTROS POEMAS

A Oscar Niemeyer arquiteto-poeta

A Manuel Bandeira,

João Cabral de Melo Neto e Thiago de Melo arquitetos da poesia

ARQUITETURA NASCENTE & PERMANENTE

Na impossibilidade de determinar uma sílaba ideal de grandeza constante para servir de medida aos versos deste poema, resolvi construí-los de maneira que a diferença das suas medidas fique contida no intervalo aberto: sete e meia sílabas – oito e meia sílabas.

Procurei ainda introduzir nestes versos algumas das minhas idéias sobre a rima; no texto aparecem assim rimas e zonas de rimas, toantes e consoantes, à direita e à esquerda, rimas antecipadas, rimas transitivas e reflexivas, rimas em diagonal, em composição triangular, etc.

ARQUITETURA NASCENTE

Planos de sombra e sol. Colméias.
Hexágonos. Prismas de cera.
Um ovo. Um fruto. Uma semente
Que em tempo límpido plantada,
Em chão noturno se perdera,
Agora nasce, enfim se eleva
Em pedra e em ferro organizada.
Em pedra virgem da ternura
Das águas. De um granito ornado
De hornblendas e de granadas,
Penetração de chuva e vento,

A rigidez jamais poluiu;
E de um minério extravasado
Em rio ardente e rastejante
O férreo sangue uma vez fluiu.
Em rocha ígnea – rude matéria –
Enfim se eleva e o espaço altera,
Ou numa pedra mais recente
Que um jardineiro descobriu
Quando regava os seus gerânios,
Certa manhã de primavera.

Mas, exemplar de austera flora,
Se do teu corpo não se abriu
Terra fecunda, entanto, embora. . .
Em vez de ramos e de flores
Teu corpo pleno de vigílias
Gera a harmonia dos tensores.

E nasce, amanhece surgindo!

Surgindo entre curvas impuras,
Entre alta verdade e ludíbrio,
Em luz de espaço enfim perduras,
– Surto, esperança, alvitre, enleio
Na paz, na glória do equilíbrio:
Pássaro manso e transparente
Calmo, dormindo no teu seio.

Emerge, inundada em silêncio!

Rompendo a semente de um sonho
Já por todo o nascer é um túmulo,
Vazio que encerra o destino
E o desejo, marca o exercício
E o repouso. Trivial vazio.

Tulha de ainda em fruto azeite,
Calha domando águas agrestes,
Relha cortando a terra. Húmus
Franzido em vincos paralelos.
Relevos de linha a cindir
O solo manso. Chão cortado,
Gravado de sulcos, de leiras
Floridas; desenhada gleba. . .
– A uma fachada se assemelha
De terra nítida e movida.

Quando as chuvas chegaram. Quando,
Serenamente, quando enfim
Desceram, uma plenitude
Se alargou e subiu vibrando;
Entre o que rodava e rolava
Nascia uma indolência. Coisas
Indistintas derivam. Nessa
Flutuação ante-navega
Uma forma ligeira e grave;
Trêmulo fugir que não era
Andar, nem vôo. Árvore inversa;
Tronco a vacilar sobre ramos.

Antes de ser friso e arquitrave
Foi num mar semeado de ilhas
Quilha, carena e cavername,
Depois, provida de velame,
Singrou, levada pelo enxame
Dos ventos, a nave pré-nave.

Por fim o mar se foi retraindo:
As ondas, as leiras – gravuras
Do mar, da terra – se incluíam
Às colunas; a luz do sol
Passa rasando as caneluras:
Asa branca de sobrevôo
No mármore de eterna espuma.

Dentro de um golfo se erigiu
A nau abandonada das águas,
Intacta ainda a luz do Santelmo
No alto mastro, que, familiar,
Seria o fogo da lareira;
E a nave ficou para sempre
Navegando a virtual viagem.

Vitrúvio, Paládio, Bramante,
Lúcio Costa – entre os navegantes –

.....

.....

Mansão. Castelo. Catedral.
Marmórea manhã subindo
Arbórea ascensão votiva
Cingindo a cidade imortal.
Volume a se conter bem perto,
Espaço a se expandir tão longe,
Mar aberto a proa de navio,
Trens coleando rampas nos montes. . .
Ponte pênsil: raiz aérea
Transpondo a beleza abissal,
Avião a jato projetando
O abismo em vôo monumental.

& PERMANENTE

E nessa pedra inerte e fria,
Onda de magmas profundos,
Filha do fogo e da agonia
De internas forças indormidas,
Que exerceram ação genésica
Antes do amor, antes da vida;
Nessa pedra, hirta memória
Inclui, compõe, guarda silêncios
Das mais remotas harmonias;
Perenemente as noites guarda
Dos longínquos primeiros dias.

Atraídos pelo silêncio
E pela paz noturna os homens
Chegaram; por ínvias florestas
Abriram sendas, e passaram,
Das lianas através da renda,
Através das fendas das montanhas.
Mudos de medos e arrepios,
Guiados por bandeiras de vento,
Pelo coro dos rios selvagens. . .
Vieram de paragens flutuantes,
Andaram passos vacilantes,
Venceram espaços incertos
E inacessíveis, mas chegaram. . .

Chegaram e reacenderam
A pedra fria. Abriram portas
Cavaram profundas abóbadas,
Romperam pátios, galerias. . .
Possuídos de ciência infusa
Extraíram a noite-espuma,
Oclusa na rocha; e o ar do sono
Surdiu dessa noturna esponja.

Mas desse sono adormeceram
E sonharam: campos de trigo,
Pastos de ovelhas em colinas,
Níveos navios navegando
No mar. Sonharam a basílica.

Chegaram depois no alto monte,
Cimo iluminado de mármore,
E que lhes era um miramar
Entre árvores. Entre as arestas
Sentindo a razão do cristal,
Urdindo a ordem clara e normal;
Sons conjuntos de uma harmonia
Formulada em lei triangular
No frontão se exprime. Revela-se
Ternária lógica formal.
No templo se abre a inquietação
Sensual. Ardor de quente sangue
Corre nas veias, delirante,
Da branca e virgem forma orante.

Desceram depois à planície
De olhos abertos e deslumbrados.

Cruzada. Procissão. Cortejo.

Prostrados na pedra rezaram
À luz da pedra que adoraram.
E a prece ouviu-se que, sem termos,
Passou nas lajes lentamente,
Deixando no ar do espaço puro
Cheiro de rosas ogivais,
Fumo de voz que se enevoa,
Prumo de luz desigualado,
Sumo da fruta arquetônica:
– Suor da ação molecular –
Poeira da forma dissoluta.

Abrigo. Afeto. Imploração.

Um sino soa que convoca
Para a oração – uma sirene
Toca também. Pelo portão
Vão penetrando os homens fuscos,
De longas mãos de gestos bruscos;
Mas logo após o erguer dos braços,
Frutificando em mãos-espigas
Que reclamam e reivindicam,
Em dura faina se unificam:
Seara madura do trabalho.

E à formação de uma nova análise
Se acolhe o espaço indissolúvel
Que faz cantar sutil membrana
E musical corda vibrante:
Rara versão de uma floresta
Abrindo os ramos, abrindo as séries
De Fourier. No ar se espadana
O augusto coro dos volumes.

Homens de todas as jornadas
Chegaram e a chegar prosseguem;
Agora juntos se agasalham
Na mesma pele de silêncio,
Contemplando as portas abertas.

Chegaram. Sombras esperadas.

Figuras plácidas, furtivas,
Sobem as escadas sonhando,
Cruzam o limiar trazendo
Poeiras de azul e de horizonte
Nos pés enleados de caminhos.

E já, na paz de ambiente afim,
O edifício inteiro se anima
Como se ao fundo fim do dia
Vento agitasse os ramos de árvores
Latentes que nascer viriam
Da pedra, se não fosse ausente,
Fecunda e mádida semente;
Ou nos membros do pétreo vulto
De noite, o orvalho rorejasse
E borbulhasse como em folhas
De um matagal denso e sepulto.

Homens de todas as fadigas
Chegaram. Sombras indolentes!
Magoados rostos doloridos. . .
Que a luz de um novo dia esperam
E na manhã de sol nascente
A pedra muge, dando alimento
Ao corpo exausto. As forças brancas
De cansaço se desalteram.

Homens de todos os passados,
Formas de formas esquecidas;
No frio, multissecular,
Surdo silêncio de si mesmo,
Vazios sons da pedra escutam:

Quieto rumor, choro da infância,
Riso de puras esperanças,
Ruído de vozes perturbadas,
Canto de estrada, som de sino,
Longo gemer de umbrosa fronde,
Murmúrio de massas fugindo
No incerto chão. Fervor de lavas,
Neuma de fogo. Calor rugido.
Bramar de velho mar bravio.